

ANO DE 2010

II Antologia Temas Originais



Título: II Antologia Temas Originais

© 2011, Autores e Temas Originais, Lda

Edição: Temas Originais, Lda

Torre Arnado, Rua João de Ruão, 12 – 1.º - Escr. 19

3000-229 Coimbra

1.ª Edição - 2011

Telef.: 239 100 670

E-mail: temas.originais@gmail.com

Blogue: www.temasoriginais.blogspot.com

Sítio: www.temas-originais.pt

Depósito Legal: 320993/11

ISBN n.º 978-989-688-034-7

Execução Gráfica: Nocamil, Lda - Coimbra

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

II Antologia Temas Originais
(Ano de 2010)



Nota Breve

Na altura em que se cumpre o segundo aniversário da Temas Originais, Lda, tal como ocorreu no ano transacto, edita-se o presente volume: “II Antologia Temas Originais”, referente aos títulos publicados no ano de 2010 sob nossa chancela.

Mais do que recolha ou catálogo, pretende-se com esta edição a celebração da escrita e do livro, objecto de partilha, de sonhos, de afectos, de ideias... bom!, objecto de tudo quanto autor e leitor desejarem.

Este volume é a natural continuação de um projecto que se quer, também, como marco na História desta editora, mas, e sobretudo, um registo de um pequeno ou, talvez mesmo, grande passo na vida de cada um dos que estiveram em cada um destes instantes.

Independentemente do mérito literário atribuível a cada obra por quem a estas teve acesso, algo que só o Tempo dirá de forma justa, ou injusta, o certo é que cada um destes títulos soube certamente tocar a vida de alguém, não sendo, por isso, indiferente.

Tendo tal ocorrido, para nós, editores, mas também, e disso estamos convictos, autores e leitores, já valeu bem a pena a respectiva edição e, como tal, já valeu bem a pena existirmos.

*Paulo Afonso Ramos
Pedro Baptista*

A Espiral do Amor - Egéria
(ISBN 978-989-8261-63-2 – Poesia - € 10,00)

VIII

Leio no teu corpo os sinais do desejo
E desfolho-te como um livro...
Molho a ponta do dedo na minha língua húmida
[para não te ferir,
Abraço-te com os meus olhos,
E vou sendo algo de leve em teu regaço.
São movimentos vibrados esses teus, desnudos de interesses
[ou pagãos.
És a magia da vida prometida à minha rica solidão.
Será apagado este infortúnio tão expansivo e grosseiro?
Dou-te aquilo que também é arte,
O meu corpo,
Alheio às rimas dos versos e às cartadas da vida.

Este gosto de sal – Álvaro Alves de Faria
(ISBN 978-989-8261-65-6 – Poesia - € 12,00)

9

Não há possibilidade de viver,
mas nem é preciso:
não há necessidade de nada.

Pelas frestas das janelas é ainda possível ver as águas,
peixes perdidos que voam num mar de abandonos,
onde naufraga o coração para sempre,
como se nunca tivesse havido.

Nunca houve a poesia que se imagina,
senão no pensamento de alguns poetas que não sabem
e que em volta de si
se dizem poemas molhados do horror.

Anjo de Guarda – Luís Mota

(ISBN 978-989-8261-66-3 – Romance - € 13,00)

O avião estremeceu ligeiramente e com o vagido lamentoso do seu peso, começou a mover-se. Muito devagar como se não fosse essa a sua vontade. Mas mexeu-se. Por uma ilógica qualquer, das que nos são facultadas apenas nos sonhos e para as quais nunca procuramos uma razão, eu estava no seu interior, lá para os quartos traseiros, num porão frio e cheio de caixas e malas de viagem. Tanta gente a viajar! Também não tenho explicação para tal. Nem nunca fez parte sequer do meu imaginário de menino sonhador, ser piloto aviador como tantos dos meus colegas infantis e muito menos controlador de cargas ou coisa que o valha. Mas a verdade é que eu estava num porão de avião e, mais uma particularidade interessante, este tinha uma porta muito pouco convencional. Aberta, igualzinha à porta do meu quarto se bem que posicionada na fuselagem, na horizontal.

Assim que o aparelho deu sinais de querer partir, esta começou a fechar-se lentamente, muito lentamente e sem ruído, por acção de um mecanismo hidráulico qualquer, seguro, determinado e silencioso. Tudo era estranhamente silencioso.

Corri para a porta saltando sobre umas caixas. Alguma coisa não estava bem. Não podia ser. Eu não podia viajar; não agora.

Ao espreitar lá para fora, não sei se pretendia saltar ou apenas confirmar algum engano, deparei com uma extensa fila de pessoas, perfiladas ao longo da pista. Conhecia-os todos. Centenas de gente que transporto na memória. Vestidos de diversas formas, desde fato-macaco, bibes de escola, equipamento de mergulho, pára-quedas e camuflados até às camisolas listadas do clube ou fato e gravata da vida. No entanto apenas cerca de uma dúzia pouco mais, tinham rosto (...)

Quem Não Dormiu – Ricardo Boléo
(ISBN 978-989-8261-67-0 – Poesia - € 10,00)

Quem Não Dormiu

A mesma emoção:
Vida e morte sobre a nação.

O terror tem o peso da divina consagração.

O desejo de voar livremente
Quebra-se no espelho da frente.
As nossas veias doentes
Confundem as teias da mente.
Liberdade no amor e na arte,
No espelho que se parte.

Com Frida Kahlo eu mesmo falo!

País de mortos poetas
Contra os canhões marcha a pé.

Reflexo de quem dormiu:
A ruína que domina quem viu
O horror, o temor, o pavor,
Quem não dormiu.

Epílogo Negro – Diogo Godinho
(ISBN 978-989-8261-68-7 – Contos - € 10,00)

Friends Vamps

Sem mais deixas por onde recitar e andando em pensamentos desventurados, vagueio até aos espaços em que corpos se deleitam tardiamente. Enamorando a atmosfera nocturna que os envolve, apreciam os vícios incumbidos de o ocupar o eterno tempo que lhes aguarda. Deliciam-se horas a fio nesses prazeres profundos que lhes encham o espírito e provocam uma comodidade extrema ao seu ser interior.

Tardes solitárias aconchegam noites que em breve se iniciarão. Rostos brancos e pálidos são desgarrados pelo ar pesado e consumido de lares escuros, apenas atravessados por um fino feixe de luz que se encaminha por entre o parapeito das janelas. Consomem excessivamente bens prazerosos, que estimulam toda a alma. Inalam odores corporais de peles enclausuradas. Saciam sabores em corpos embebidos de líquidos requintados. É o êxtase da alma nocturna.

Amador do Verso – Emanuel Lomelino
(ISBN 978-989-8261-69-4 – Poesia - € 12,00)

Amador do verso

Com esta capacidade com que nasci
e alguns conhecimentos que adquiri
componho a minha poesia e escrevo
não sei dizer quantos poemas redigi
muito foram os que entretanto perdi
quem sabe se serei poeta de relevo

Basta-me caneta e uma folha de papel
e esculpo as palavras a talhe de cinzel
tudo mais advém de mera inspiração
a poesia não traio, sempre lhe fui fiel
palavra de aprendiz de poeta Emanuel
amador do verso por adita convicção

O Piolho Zarolho e o Arco-Íris da Amizade – Lurdes Breda
(ISBN 978-989-8261-70-0 – Infantil - € 12,00)

Todos os meninos são especiais.
Todos têm dentro de si uma caixinha mágica,
Aberta de par em par,
A transbordar de inocência e amor...
Cabe-nos a nós
Pintar essa caixinha com as cores do arco-íris
E fazer com que ela jamais se feche!

Etéreo – Gonçalo Lobo Pinheiro
(ISBN 978-989-8261-71-7 – Poesia - € 10,00)

Lisboa

1

Lisboa, minha Lisboa;
De ti nasci para a vida.
Em ti vivi e vivo, constantemente,
Sonhos vários, de cores diversas;
Luzes na escuridão,
De uma noite tal, inequívoca,
Onde percorro ruas e becos
De fina e requintada loucura, e
Por momentos me perco na tua história.
Olho à volta o recorte dos telhados
E a longevidade de janelas, agora fechadas,
Perdidas no tempo e na identidade
De uma cidade de trato forte e consequente.

Reflexos do corpo e da alma – Carlos Ferreira

(ISBN 978-989-8261-72-4 – Poesia - € 7,00)

O aroma de um pôr-do-sol torna-se familiar

E nesse momento a arca abre-se

O pó do caminho liberta-se

E o mar transborda pelas frestas

Revelando aquele aroma perdido.

Mãos Mortas – Howard Barker
(ISBN 978-989-8261-73-1 – Teatro - € 10,00)

Um caixão aberto numa mesa. Um homem entra.

EFF: Que viagem

(Senta-se.)

Que viagem oh

(Pausa.)

Que viagem vamos começar pelas coisas pequenas com pouca ou nenhuma importância o tempo por exemplo

(Pausa.)

O tempo que caracterizou esta viagem foi ininterruptamente

(Pausa.)

Não

Não

Não parou de facto ao ir-se embora algures a perversidade ininterrupta foi interrompida a estrada começou a deitar vapor sob o sol brilhante os pássaros começaram num alarido os insectos enxamearam

(pausa.)

Este foi o único momento de alívio de que me recordo de outra forma

(Pausa.)

Uma viagem vil

(Pausa.)

A tua amante que olhar ela tem conheci-a nas escadas aquela boca pequenina e mãos que parecem estender-se daqui até ali o seu pescoço as suas coxas o seu cabelo mãos como as de uma criança velhas mas infantis (...)

(Tio) Vânia – Howard Barker
(ISBN 978-989-8261-74-8 – Teatro - € 10,00)

ACTO PRIMEIRO

Cena Um

Um HOMEM *aparece.*

VÂNIA: Ti – o

Vâ – nia (*Pausa.*)

Ti – o

Ti – o (*Pausa.*)

Vâ – nia (*Pausa. Uma guitarra é tangida.*)

Pára de arranhar essa guitarra pára com esse arranhar ocioso e fútil pára com isso.

(O som pára, depois continua.)

Vou-te matar

Vou (*O som pára. ASTROV entra.*)

ASTROV: O homem é dotado de razão e de poder criativo de modo a conseguir potenciar aquilo de que foi dotado mas até agora ele tem vindo a destruir e não a criar existem cada vez menos florestas os rios estão a secar os animais selvagens estão quase exterminados o clima está a ser destruído a terra está a tornar-se mais pobre e mais hedionda a cada dia que passa quando ouço o sussurro das jovens árvores que plantei com as minhas próprias mãos eu (*Pausa.*)

VÂNIA: Ti – o

Ti – o (*Pausa.*)

Vâ – nia

ASTROV: Estou consciente do facto de que o clima está até (...)

As Possibilidades – Howard Barker
(ISBN 978-989-8261-75-5 – Teatro - € 10,00)

Uma FAMÍLIA DE TURCOS tece um tapete. Fora, o ruído de um bombardeamento. Eles concentram-se na sua tarefa.

A MULHER: Os meus nervos...! Eu tento, mas os meus nervos...!

O HOMEM: Já vou à tua frente... Agora, por causa dos teus nervos, tenho de esperar por ti.

A MULHER: A agulha parece que vai –

O HOMEM: A agulha vai para onde tu quiseres que ela vá.
(*Cai uma bomba.*)

A MULHER (*Atirando com a agulha.*): **Estás a ver, os meus nervos!**

A RAPARIGA: É vontade de Deus onde a bomba cai e os nossos nervos não têm o poder de a atrair nem de a desviar.

A MULHER: Eu sei... eu sei...

O HOMEM: Pega na agulha.

A RAPARIGA: Se pararmos de cada vez que cai uma bomba, quando o cerco acabar e o comércio retomar, não teremos tapetes para vender.

A MULHER: Eu sei isso tudo.

A RAPARIGA: Eu sei que sabes. Não estou a querer ensinar-te nada.

O HOMEM: Há muitas coisas terríveis, mas a pior de todas é não ter tapetes para vender quando as pessoas os querem comprar.

A MULHER: Eu sei. Nem mesmo a minha morte seria mais terrível do que isso(...)

Entre as margens da memória – Paulo Afonso Ramos
(ISBN 978-989-8261-76-2 – Prosa Poética - € 10,00)

Amor Sóbrio

Tenho lágrimas! Posso ser um iletrado e não saber expor as palavras no seu esplendor, mas, ainda assim, tenho sentimentos que não controlo e que despertam as sensações emergentes de pura adrenalina e paixão. Sim, por vezes acabam em lágrimas, cobertas com um silêncio aterrador, mas o meu sentimento é real e não conseguir exportá-lo para o poder das palavras é iníquo. Sou um perdedor, porque não sei fugir das sensações ou porque não sei iludir as razões. Sou assim, um conjunto de lágrimas à procura das palavras para te dizer o que sinto e do que sou capaz, e, enquanto não encontro cada palavra para cada sentido, perco-me nas manifestações ousadas de mim num sofrimento mútuo. Ousado seria não sentir e não escrever!

Quero transportar a vontade de viver e, nesse laço de energia, quero contagiar-te para que vivas cada momento de forma única, sentida, sem palavras e sem lágrimas. Afinal, para que brote o que temos cá dentro, não precisaremos delas... basta-me um olhar acompanhado de um sorriso e serei o menino traquina mais feliz do Universo dos sentidos. Basta-me! Tenho lágrimas. Espero que o tempo me possa ajudar e me dê algum alento. Não sei como escrever porque sei apenas sentir. Não sei como dizer-te porque é um todo que está dentro de mim. Ainda assim, nestas lágrimas lavo o rosto e revigoro-me, fazendo nascer um sorriso, só meu, que escondo timidamente mas que também pode ser teu... assim o queiras!

Caixeiro-Viajante – Júlio Gamelas Gonçalves
(ISBN 978-989-8261-77-9 – Romance - € 16,00)

Preâmbulo

Conjunto de contos soltos. Aparentemente dispersos, pouco têm a ver uns com os outros a não ser o narrador/testemunha/actor. Roy Lencastre, personagem fictício, perpassa com outros intérpretes, a geografia do seu tempo, vestindo cores diferentes consoante o sítio, a época, o enquadramento de cada flash. Pretende ser impressionista e fotográfico usando aleatoriamente o discurso directo e indirecto. Um ou outro impropério, galicismo, anglicanismo ou locução em latim, inusitados mas inevitáveis, usados apenas quando a autenticidade da transcrição se impõe sobre o purismo da língua que venera. Reporta momentos recolhidos na memória que podiam ser colecção de qualquer um. Meio século de sensibilidade emulsionada na ficção.

Retalhos da vida. Pérolas pescadas nos mares onde a vida o levaram. Cruzou o destino com variadas raças e gentes. Por elas teve e tem apreço indizível. A incorruptível paixão pelo Ser Humano tornou-se, ela própria, corruptora de uma vida calma, suave, de um normal empregado de escritório. Depois, vendaval de emoções. Manancial de dor e prazer cujas histórias partilha como “Caixeiro-viajante”.

Respiração das Coisas – Luísa Demétrio Raposo
(ISBN 978-989-8261-78-6 – Poesia - € 10,00)

DEITEI-ME NUM POEMA...

Estou deitada num poema, deitada de costas com a poesia à beira
duma treva, com a boca que o emudece e com o sexo negro
quieto a pensar...

Estou deitada entre os cravos rotativos do mês atravessado pelo
movimento...

Mexo os dedos, mexo a boca e sinto o respirar monótono de uma
língua entre os ossos...

E fico deitada, somente o meu silêncio pensa...

... num pensar batem, sobem, abrem , fecham as palavras que
violentamente gritam à minha volta e sobem as escadas da minha
intimidade...

Para além do tempo – José Ilídio Torres
(ISBN 978-989-8261-79-3 – Contos - € 10,00)

A rapariga que falava com o vento

Nasceu numa terra que é cabeceira dos montes, enclave de verde e urze que se adivinha quando se dorme.

Margarida assim era a flor dos olhos de seus pais.

Nasceu calada, o que provocou estranheza nos médicos, e foram precisas duas sapatadas bem pregadas no rabo para que acordasse da sua longa hibernação dos tempos.

Era graciosa a pequena. E quando os cabelitos começaram a despontar, logo se enrolaram em carrapito, conferindo-lhe uma graça que todos achavam peculiar, de olhos vivos, como lumes que brilhavam com luz própria no escuro, de uma serenidade nunca vista às estrelas.

Porém, da sua boca desenhada em alabastro, nem um som, nem um choro. Mesmo quando já tinha idade suficiente para articular palavras.

Os pais, ansiosos por se verem nomeados, nunca dos seus lábios ouviram as palavras mágicas, embora a pequena parecesse entender tudo o que lhe era dito, respondendo pelos olhos, que ganhavam cor e brilho em cada resposta dada.

Os médicos não encontravam justificação que à luz da ciência servisse para explicar tão curioso fenómeno. Não encontravam razões clínicas que deixassem tranquilos os progenitores.

Por isso, não foi de estranhar, que sendo gente simples do campo; habituada a exorcizar o mau-olhado e a agradecer ao senhor as dádivas que a natureza decide sem consultar (...)

Cardio.grafias – Vera L. T. Santos
(ISBN 978-989-8261-80-9 – Poesia - € 9,00)

Canto. o pão do teu rosto. melodia de papel.
canto. a tua boca. e as borboletas dançando em espiral.
canto. o teu corpo. sempre. e as pedras dormindo sobre os rios.
 Nas minhas mãos. tu és o princípio. saliva da terra.

Monte maior sobre o Mondego – Xavier Zarco

(ISBN 978-989-8261-81-6 – Poesia - € 7,50)

Menção Honrosa (Poesia) Prémio Literário Afonso Duarte- 2003/04

Primeira Torre
JORGE DE MONTEMOR

Nasce o poema,
a palavra,
a sementeira do verbo,
da música.

*Lo deseo,
eres la palabra
susurrada
de todos los ríos.*

*Tal vez
la palabra amor.*

Talvez
a palavra dor.

Talvez.

Manual da Ilusão – Hugo Costeira
(ISBN 978-989-8261-82-3 – Poesia - € 10,00)

Dureza

Dureza é não ter para onde ir quando se acorda; ficar-se sentado, esperando o unimaginável, construindo castelos, contando e lendo histórias; é abraçar o sofá frio e branco pôr os olhos na pedra que já parece distante e fria, sentindo nada e quase tudo o que parece estar a mais.

O tempo não passa, os ponteiros não se movem, as memórias carregam-se e são intensas! É o tempo que não passa, as memórias que teimam em ficar, o vento que lá fora continua furioso, o sofá que teima em abraçar-me. É duro, mas há pior!

Breviário Lamentoso – Jacob Kruz
(ISBN 978-989-8261-83-0 – Poesia - € 7,00)

Aleph

Perdi um beijo em Jenin
e em Belém um abraço.

Há medo e silêncio no caminho.

No muro, um choro.

Uma litania ecoa e prolonga
a voz do muezim.

Estão desertas as ruas de Deus.

Na Via do Mestre – Casimiro de Brito
(ISBN 978-989-8261-84-7 – Poesia - € 10,00)

1

Que nome darei a este caminho
Se os pés que passaram / o peso do ar
Já são asa ou barro e o caminho
Desfeito já foi pela rosa doente
Que nele repousa? Caminho não há
Para sempre, sob o véu da casa –
Apenas o desejo perdura mas o desejo
Não é mãe das coisas, seu sal cega-me
E só a luz do não-desejo, o branco
Mais vazio, anuncia o segredo a
Flutuação de corpos que não existem.

A vida tem cada coisa – Mário Nóbrega
(ISBN 978-989-8261-85-4 – Crónicas - € 10,00)

D. Sebastião

24.08.2207

SEGUNDA-FEIRA acordou com o despedimento de Fernando Santos. Ninguém ficou surpreendido. Nem mesmo ele. Embora, também se perceba, afirmasse o contrário. Nesta passagem de Fernando Santos pelo Benfica há um dado curioso a reter: a confirmação de que mais vale cair em graça do que ser engraçado. Dito de outra maneira: Fernando Santos é tão ou mais benfiquista que aqueles que se sentam nas bancadas do Estádio da Luz, mas esse seu assumido — publicamente — amor à águia de nada lhe valeu, porque sempre foi visto de viés e frequentemente assobiado pela maioria esmagadora da família benfiquista. Aliás, o futebol, esse espectáculo em movimento gerador de paixões clubistas exacerbadas, provoca na mole humana que o idolatra um sentimento perigosamente contraditório. Sendo essa mole composta por quem detestará viver o desemprego, sempre gerador de indesejáveis situações de miséria, passa boa parte da sua vida clubista a clamar pelo despedimento dos treinadores. Porque o treinador, face às circunstâncias em que o futebol se activa, está sempre do lado mais fraco da corda. Fernando Santos será, possivelmente, um dos menos culpados do começo tremidinho do futebol benfiquista, mas difícil, dantescamente problemático, é exigir responsabilidades a outros. Entretanto, D. Sebastião já está aí. Curiosamente, contrariou a fé plebeia. Não chegou numa manhã de nevoeiro...

Para Lá do Azul – Eufrázio Filipe
(ISBN 978-989-8261-86-1 – Poesia - € 10,00)

COMO SE TIVÉSSEMOS UM BARCO

As palavras vogavam soltas
em torrente
alagavam sapais
caldeiras de moinhos

As garças tricotavam pios afrodisíacos
e as canoas lançavam redes
para cercar os peixes
nas marés vivas

Os teus olhos debruçados na margem
circulavam em torvelinho
afagavam a faina

Quando nos soltámos crescemos
e lá fomos barra fora

como se tivéssemos um barco
que não anoitecesse

O Último Beijo – Manuela Fonseca
(ISBN 978-989-8261-87-8 – Poesia - € 15,00)

I

FRIENDS WILL BE FRIENDS

Uma das alegrias da amizade é saber em quem confiar.

(Alejandro Manzoni)

A amizade era como duas fitas de cetim coloridas, delicadamente entrelaçadas, entre mim e a Inês. Momentos em que sentíamos uma forte empatia, uma importância maior, uma afinidade intensa. Como a nossa amizade era autêntica, isso repetia-se inúmeras vezes. As semelhanças que sentíamos, não resultavam do facto do que a outra procurava, exactamente. Era apercebermo-nos de que nos completávamos. Conversarmos as duas, fazia de nós aquilo que éramos, na realidade.

ÉS ESPECIAL

Estava sem sono. E quando olhei para aqueles dois gatinhos entrelaçados num sono profundo, comovi-me! E lembrei-me das noites passadas na conversa onde nada era proibido, todos os assuntos vinham à baila. E ríamos. Ríamos muito, tirávamos fotografias, ficávamos sérias, falávamos sussurrando e ouvíamos o "Oceano Pacífico". Foi tão divina aquela noite em que bebemos o leite todo, até acabarem os pacotes no frigorífico! Tu sempre gostaste do tempero do meu leite: Nesquik com açúcar. E as torradas? Ai, as torradas! Sabiam sempre tão bem às 02h da manhã... Comíamos torradas com a mesma estupidez dos desordeiros que dão pontapés nos contentores do lixo às 03h da manhã e acham que são uns heróis! Tudo o que queríamos era beber a vida, sem culpas nem passados e muito menos pensar (...)

Silêncio dos meus sonhos – Santa Cruz
(ISBN 978-989-8261-88-5 – Poesia - € 14,00)

1 - Para Ti

Eu estou enamorado...
Pelo teu olhar;
Pelo teu sorriso:
Pelo jeito do teu ser.

Pelos teus murmúrios...
Pelos teus beijos:
E pelos teus abraços.

Sonhei... e sonhei-te assim.
A ti dedico os meus sonhos
Loucos.

Porque esta Paixão é eterna:
Foi para ti... que guardei o melhor
De mim.

És e serás sempre para mim;
O meu eterno e doce amor.

Ainda e Muito – Vânia Lopez
(ISBN 978-989-8261-89-2 – Poesia - € 10,00)

O CAMINHO NÃO SABE O QUE QUER

Meus pés sabem o caminho
O caminho
Esse
Nunca soube
Levar meus pés

Foz Sentida – António MR Martins
(ISBN 978-989-8261-90-8 – Poesia - € 10,00)

As Palavras

Palavras são o complemento
o afago e o entretenimento
a solidez e o compasso
o desnível do traço
a fluidez do movimento
a metáfora do pensamento
o preencher de cada espaço
a luz de cada vida
o descortinar a saída
do comboio em andamento

Notas Tortas Nas Folhas Soltas – Emílio Lima
(ISBN 978-989-8261-91-5 – Poesia - € 10,00)

Bissau – “Nandó”

em cada canto
e recanto
do seu encanto
espanto
com o retrato
que lhe é imposto

na melancolia
da tua modéstia
esculpiram-te de tristeza
que contrasta com a tua beleza

Área Afectada – Fernando Esteves Pinto
(ISBN 978-989-8261-92-2 – Poesia - € 10,00)

A voz parte mesmo antes das palavras
e os lábios ficam no lugar do dizer.
Como se tudo fosse dito em face do esquecimento
e fosse princípio o pensamento que separa
da consciência o infinito silêncio.

O objecto dá à palavra o sentimento da língua.
Um rumor de água e de música que o corpo
vai gravando na efémera lucidez.

O objecto é o estado sólido da fala
e a sua densidade lateja no olhar
de quem desfaz o corpo das palavras.

A cumplicidade da matéria na profundidade da memória.

Capítulo 1

O Despertar

Vazio.

Escuridão.

Se alguém pudesse perguntar a Lithraen o que via, o que sentia, seria isso que ela diria. Vivia num permanente vácuo, um mundo de nada. Nada existia, nada se via. Era como se ela fosse uma entidade que flutuava num espaço desprovido de tudo, sem capacidade de agir.

Mas se aquele estado era “nada”, como se podia descrever? Que palavras encontrar para descrever algo que realmente não existe? Então, isso teria de significar que aquele estado era real, ela conseguia reflectir sobre ele, conseguia, pelo menos, tentar perceber o que era. Ao ter consciência, existia.

No início tinha sido mais fácil. Ainda tinha memórias da sua vida anterior àquela clausura, ainda sabia o propósito para tudo aquilo. Agora já tinham passado...o quê, anos? Séculos? Milénios? Não interessava, para ela tudo parecia o mesmo. Ali, naquele estado indefinido, o tempo parecia não existir.

As suas memórias já eram escassas, aleatórias e já não tinham nexos algum. A sua mente entrara num tal estado de torpor, que já nada importava. O porquê de ali estar, do que tudo aquilo se tratava... nem o que iria acontecer. Poderia continuar assim, longe de todos os problemas, longe de tudo... Aquele espesso breu chegava-lhe, já não precisava de nenhuma explicação.

Ou teria chegado, se não o tivessem interrompido (...)

Bolsa de Valores – Domingos da Mota
(ISBN 978-989-8261-94-0 – Poesia - € 10,00)

BOLSA DE VALORES

Há quem faça passar gato por lebre
e por anho ou cabrito muito cão
e se afirme credor mesmo se deve
e perjure que sim perante o não

Há quem fale em fartura quando a fome
e a sede sufocam as gargantas
e convoque o verniz do sobrenome
pra atestar o que diz até às tantas

Há quem venda ilusões como certezas
e corrompa e aguçe a cupidez
e no meio de tais subtilezas
presuma branquear mais uma vez

que a bolsa de valores, em substância,
retrata o poder e a ganância

O Viajante – Joel Flor

(ISBN 978-989-8261-95-3 – Conto - € 10,00)

Desde o dia que chegamos a este mundo, ainda no ventre da nossa mãe, o nosso objectivo já começa por ser aquele que nos acompanha até ao último dia da nossa vida: Procurar a luz, uma saída. Mesmo reduzidos à mais completa inexistência do conhecimento humano, já encontramos o nosso próprio caminho que nos conduz à primeira conquista. Os anos passam e quer estejamos rodeados de beleza, confiança e força ou assombrados pelo medo que reina sobre os mais tenebrosos sentimentos humanos, seja qual for a estrutura de experiências que fundamenta a nossa vida, a procura pela luz permanece. Aquilo que parece simples e transparente como as águas de um rio, dividido em diversas explicações baseadas em religiões e mitologias, desperta nas profundezas da nossa mente.

O que somos? Quem somos, porque é que o sol se esconde por detrás dos montes? Porque é que a lua se levanta para iluminar a noite e depois de tantas perguntas que os homens não nos podem responder, por fim a última questão é levantada: Qual é o nosso propósito na vida, será que a procura pela luz termina quando abandonamos o ventre da nossa mãe? Ou será que o horizonte longínquo tem algo mais para nos mostrar... (...)

A grande máquina do tempo – Mafalda Matos Dinis
(ISBN 978-989-8261-96-0 – Contos - € 10,00)

A grande máquina do tempo

Era uma vez um sítio maluco, grande: a universidade dos cientistas loucos.

A universidade era toda preta e branca; os alunos eram obrigados a pintar o cabelo de uma cor à escolha, empiná-lo, usar uma bata branca com o seu nome escrito, uns sapatos justos e óculos redondos. Quem não precisava usava-os sem lentes e os professores também.

Os professores ensinavam perigos e experiências dos produtos...

Um grupo de alunos: Alexandra, João, Sara, Rodrigo, Inês, António e Maria, muito empenhados, decidiram juntar peças de coisas estragadas para descobrirem o que podiam fazer. De repente, construíram uma máquina do tempo e, muito entusiasmados, decidiram ver se funcionava. Então, carregaram em vários botões e foram ter aos primeiros tempos do homem, lá fizeram muitas descobertas e anotaram tudo. Decidiram voltar e, quando chegaram, pareciam umas enciclopédias, sabiam tudo com certeza. Os outros alunos e professores passaram sempre a utilizar a máquina do tempo.

Como vêem, quando nos empenhamos, com coisas velhas podemos construir coisas novas e mais úteis, basta ter imaginação.

Gatafunhos – Mário Correia

(ISBN 978-989-8261-97-7 – Poesia - € 10,00)

a primeira insónia... (há tempos incontáveis)

não arranjo a merda da palavra para ilustrar isto pego num baixo e não me sai exactamente o timbre da guitarra impossibilita a sua ligação a isto podia contar uma historinha dunas terríveis como chás de carne infusões de carne crua despejando morticínio em tampos com vidrinhos escondidos mas ainda assim não é isto o que é certo é que é alguma coisa que me chuta me dá feras tenho um caranguejo negro de dantesco com vinte e mais algumas penas de galinha e uns dentes de dentes de sabre cá dentro a arrancar de mim pedaço a pedaço a vontade que me ata ao leme tenho medo mas traz consigo raiva esse medo a raiva traz consigo um pastor ridículo e embora sinta um certo dissabor na boca não sei o que raio é esta merda vou escrevendo talvez só pra me julgar inteligente dotado do divino dom da pena argêntea seu pavão de merda isto não é raiva a mim é como ter um ferro ou como o chinês das agulhas noventa e duas do jornal é resumindo uma daquelas frases sem importância nenhuma impotência sim que nunca alterarão o rumo da humanidade só que vão apodrecendo cá como furúnculos do coração só que desta vez por falta de coragem ou por condição ignota de todo e qualquer númeno e mesmo até do fenómeno não tenho forma de espetar o alfinete e rebentar com ele ou então rebentei tantos furúnculos que não sou capaz de distinguir coágulos pústulas águas e sangue é uma poça de mijo calcada por dois ébrios que metem sempre a mão onde não devem ou melhor é uma mão alheia o dom da contenção é uma treta não ter porque amo insónias como odiei (...)

Fábulas, Parábolas e Outras Rábulas – Jorge Castro
(ISBN 978-989-8261-98-4 – Contos - € 15,00)

A Busca da Felicidade de Dom Galopim

Dom Galopim era dono e senhor de um infundável território. Tão grande ele era que não se lhe viam os limites, mesmo do monte mais alto que, já de si, era o mais alto monte de todo um imenso império, do qual o território de Dom Galopim ocupava a esmagadora maioria.

Lá num cantinho do império vivia outro imperador, Dom Rutilante, que não interessa nada para esta história porque era um homem pequenino e gordo que cheirava mal da boca e que só era imperador porque Dom Galopim não estava para se incomodar muito com ele e apenas aqui se aflora, ao correr da pena, porque talvez valha a pena referir que, enquanto imperador, se poderia dizer dele ser tido e mantido pelo próprio Dom Galopim, a quem tal circunstância interessava sobremaneira, à falta de mais substantivas razões pela aura de diversidade que da existência mantida de tão diversa criatura poderia advir.

Esse interesse advinha, também e por mais prosaicas razões, do facto de aquele cantinho do império onde vivia Dom Rutilante confinar com a terra dos Hulos, gente aguerrida e irrequieta, mas felizmente muito atrasada tecnologicamente, pelo que não representava grande perigo. Imagine-se que ainda usavam lanças e mocas de madeira, enquanto Dom Rutilante já tinha todas as fronteiras equipadas com o que de melhor havia, em termos de equipamento bélico, fornecido pelos melhores artífices das oficinas de Dom Galopim, capazes de criar as mais (...)

Metamorfose do corpo – Eduardo Montepuez
(ISBN 978-989-8261-99-1 – Poesia - € 7,00)

I

Abandonei o ventre de minha mãe
Para beber os ensinamentos da luz/a vida
Toldei as palavras, gritos de aflição, desse parto
Gravei os pensamentos como a única seara
De gerados frutos, carinhos campestres
Que combatem a fome dos afectos –
Tracei um destino por anunciar
No mesmo dia em que gritei aos olhares
Pela força da mulher que pariu
Dei aos corpos um novo Universo
Um ritmo traçado de esperança.

Dinastias – Vítor Cintra
(ISBN 978-989-688-000-2 – Poesia - € 10,00)

D. SEBASTIÃO
(1557 – 1578)

Dum tempo, sem presente nem passado,
Sabendo que a fortuna estava morta,
Restaram, numa lenda, *O Desejado*
E a fé do povo humilde, que a suporta.

Manhã de nevoeiro, no porvir,
Traria de regresso o rei menino,
Voltando dessa Alcácer, a Quibir,
Ao reino, abandonado ao seu destino.

Loucuras de grandeza, sem suporte,
Lançadas na batalha, por má sorte,
Num sonho sem futuro, nem razão;

Sem que o temor de morte, prematura,
Fizessem demover dessa aventura
El-rei, p'ra desespero da nação.

Ao Povo do Mundo – Fernando Morais
(ISBN 978-989-688-001-9 – Poesia - € 10,00)

A FORMIGA

As formigas isoladas
percorrem os caminhos da solidão
e apascentam o pó e o frio
e a fome e o calor
como se o mundo lhes fosse indiferente.

As formigas têm a arte de reduzir distâncias
e o comprimento dos dias
o seu tamanho e o seu silêncio
impedem-nas de exteriorizar
a maravilhosa mensagem
de que são portadoras.

À noite sofrem a mordedura do acaso
ao escalar montanhas.
Lutam no movimento estranho das máquinas
não se esgotam, nem param para comer

mas gostam de açúcar...

elas têm uma bússola e um gps
para qualquer eventualidade
e consomem pouco oxigénio...

Beliche – Jorge Humberto Pereira
(ISBN 978-989-688-002-6 – Teatro - € 10,00)

Dois irmãos vestem de negro.

*Pelo sim, pelo não, já estão de **luto**.*

Partilham um pacote de leite.

Estão sentados na cama de cima do beliche.

De vez em quando, dão baile aos pés.

Um deles tem cara de parvo.

O outro também.

Irmão 1: *(Oferece um chocolate ao irmão)* Toma, já provas-te um destes!?

Irmão 2: *(Analisa o chocolate antes de o abrir)* Não.

Irmão 1: Prova, é uma delícia, tem mais chocolate e menos bolacha...a minha vontade é de comer mil e vomitar a seguir como os Romanos, para poder comer outros mil novamente!

Irmão 2: *(Devora o chocolate)* Ia, é ótimo!... Muito melhor!... Os outros sabem a bosta comparados com este chocolate.

Irmão 1: É bom não é!?... É uma curte. *(Tira do bolso outro chocolate)* Ora cá está! Como se canta na Sé! *(Pausa)* E agora para quem é!?... *(Come o chocolate)*

Irmão 2: Maravilha!

Irmão 1: Ia, é isso mesmo, leva-te ao **país das maravilhas!** Se eu estivesse encarregado de fazer a publicidade a esta delícia, punha uma série de Alices históricas, todas besuntadas, a chorarem baba e ranho, a implorarem para que a avozinha gluttona lhes desse mais um bocadinho, nem que fosse só uma trinquinha... assim, as Alices, já se sentiam contentes e prontas para uma jogatina ao elástico, arbitrada por um esplêndido arco-íris! (...)

Jogos de Perfídia – Maria de Fátima Gouveia
(ISBN 978-989-688-003-3 – Romance - € 25,00)

Agosto de 1956

Januária, após o almoço, sentava-se no seu velho sofá a descansar, passando pelo sono por breves instantes. O resto do tempo gastava-o a meditar. Passando a pente fino, todas as vicissitudes por que passara ao longo dos seus setenta anos.

Remoendo o passado, atormentando-se com mágoas e arrependimentos. Procurando saber onde errara, para ter sido abandonada pela sorte, ou castigada por Deus.

Durante décadas trabalhara incansavelmente, colocando o bem-estar da família acima dos seus próprios interesses. Mas o destino trocara-lhe as voltas.

Uma espiral de acontecimentos trágicos roubou-lhe, num curto espaço de tempo, todos os que fizeram parte da sua vida, de forma devastadora.

Restara ela, como um karma que tivesse que cumprir. Viver, para reflectir numa lição tardia: O Destino não é um jogo que nos seja permitido jogar. Ele tem uma rota precisa, se o contrariarmos, cedo ou tarde, pagamos a pertinácia às nossas paixões.

Compreendia agora que as opções que tomara, provavelmente, não tinham sido as mais justas, ainda que as tivesse tomado com a melhor das intenções. Por essa razão, é que sentia a consciência pesada. Tão pesada, que a morte significava um alívio.

As noites eram um flagelo. Passadas em claro, com os defuntos a surgirem-lhe como fantasmas a espantarem o sono (...)

Cartas de Abril para Júlia – Álvaro Alves de Faria
(ISBN 978-989-688-004-0 – Novela - € 10,00)

1

No entanto, Júlia surgiu quando chovia. Havia um rio sob meus pés que molhava destinos antigos, águas últimas entre as pedras. Apareceu com as mãos abertas, como uma ave ferida. Tinha cinco asas e no olhar os ciprestes nasciam como plantas amanhecidas. Júlia trazia uma bolsa de palavras esquecidas. Quando se deitou, vi Júlia despojar-se de si, como uma árvore que se arranca da terra e depois renasce, como se multiplicasse a solidão. Depois eu vi suas mãos. Depois eu vi seus dedos. Depois eu vi suas unhas. Depois eu vi sua boca. Depois eu vi seu silêncio. Depois eu vi seu corpo. Depois eu vi sua pele. Depois eu vi seus dentes brancos. Depois eu vi seus pés. Depois eu vi suas pernas. Depois eu vi seus seios. Depois eu vi sua sombra. Depois eu adormeci com ela, sem que dela soubesse os receios, sem que ela soubesse de mim ausente. Depois a tarde acabou. Uma noite espessa saiu do chão e misturou-se nas folhas e na terra, onde caminhavam os insetos noturnos. Também caminhavam em mim sombras desconhecidas, que apareciam entre as árvores, como se fossem almas, daquelas que se ferem nos destinos e nunca mais se mostram. As imagens percorriam as paredes como se a elas pertencessem, ali grudadas, vivas, pregadas nos cômodos onde os passos tropeçavam. Ao ver Júlia, sabia que via também meus passos em busca sempre das montanhas, onde me deixo ficar à espera de mim, como se me viesse alguma vez. Inventei para ela um reino e ela então passou a ser minha Rainha e eu seu súdito numa aldeia com casas de telhas antepassadas. Era abril (...)

Suspiro Inflamado – Jacob Sylla
(ISBN 978-989-688-005-7 – Poesia - € 10,00)

Profundamente

Se nunca tiveste motivos
Nenhum de choros
Fecha o meu livro
Neste exacto momento

É assim, que te aconselho
Com sons das tintas
Nesta minha rouca amargura

Porque os meus versos
Foram feitas com sangue quente
Que fervem Nessas veias
Que me exploram

Eu não escrevo por gosto
Mas sim, por desgosto

A Droga dos Afectos – Maria Castilho
(ISBN 978-989-688-006-4 – Romance - € 15,00)

Desde a janela do décimo primeiro andar, e enquanto espero com o olhar comido pelos pensamentos, vejo a cidade que parece adormecida.

Talvez me encontre no momento e local certos para inferir das razões e consequências do Universo e, como num eco, assumo no coração e na mente verdades que hoje consigno e que, até então, não soube ou não quis tomar como boas.

A vida não se manifesta exteriormente. Mas está lá. Toda inteira. Na inevitável imposição do existir.

Em cada habitação, sob telhas, betão ou qualquer outro abrigo, a Tristeza ou a Alegria, na sua forma mais pura, firmam momentos que destroem ou elevam seres humanos, a quem roubam ou devolvem a Paz. Vestidas de roupagens sofisticadas, também têm o conhecimento de como inocular a perversidade da Mentira, de como enlevar e conduzir os seres humanos até terras que não existem senão no imaginário onde imperam os afectos.

Lá em baixo, muito perto do asfalto, eles cruzam-se com o azul escuro da noite e emergem em pinceladas que se aglutinam como cores na paleta do pintor... parem a vida que pulsa na cidade!

As janelas com luz sugerem quadros da vida real que vibram num estertor continuado, mesmo aqui ao pé de mim.

A noite caminha para a madrugada enquanto a atmosfera carrega toda a dualidade do silêncio e dentro das casas sonham-se sonhos, gémeos da verdade, também os ilusórios e ou mentirosos, cujos efeitos perversos se repercutem por todo o aglomerado que as ocupam, como se de um processo artesanal se tratasse. (...)

Palavras que falam de nós – Francisco Correia
(ISBN 978-989-688-007-1 – Poesia - € 10,00)

PALAVRAS (que falam de nós)

Com as palavras solto ideias
Nem sempre bonitas, melopeias
Às vezes matérias diáfanas
Em busca de linhas planas.

Com as palavras reinvento ditos
Postos ao serviço, constrictos
De apelos roçagantes
Quando não vozes fracturantes.

Com as palavras construo pontes
Que no mesmo fim das fontes
Ousem ser trilho, ancoragem
No rebelo da aragem.

Poemas ao correr da pena – António Boavida Pinheiro
(ISBN 978-989-688-008-8 – Poesia - € 10,00)

A imaginação do Poeta...

Se é certo que em poesia,
o autor escreve mais livre,
com as imagens que cria,
para expressar seu sentir...
Não direi só fantasia,
ou escrever o que se vive,
e como alguém já dizia:
"Se o que sinto, é o que já tive..."
Se for sonho,
porque não?
Ser só imaginação,
mesmo que isso seja a meta
que se pretenda atingir,
ainda que seja a fingir,
sonhador... por ser poeta...

Divagações – Sónia Manhita

(ISBN 978-989-688-009-5 – Poesia - € 10,00)

Eu corri mundo à procura de algo valioso,
Para poder dizer sou rica, mas nada se compara a riqueza
[que eu já tenho
E nunca parei para pensar que o que tinha, valia mais
[que dinheiro ou
Pedras preciosas, pois tu, vales mais que o ouro
E que mais o dinheiro possa comprar.

Sou, e Sinto – Virgínia do Carmo
(ISBN 978-989-688-010-1 – Poesia - € 10,00)

Na noite dos meus sentidos sou nuvem de poeiras soltas que
 jamais serão uma estrela. O universo onde me adenso
 começa e termina num abismo onde me fragmento numa
 queda interminável e violenta.
 Sou pedaço de coisa nenhuma. Sou corrente sem leito.
 Atravesso vazios e espalho-me na inexistência.
Sou pedra gelada vagueando na constelação da tua ausência.
 Abstracção geodésica de luz suspensa na imagem intocável
 do teu rosto.
Na noite dos meus sentidos sou caos estéril onde implodem
 os silêncios que me sobram dos dias.

Dialectos da Memória – Ana Casanova
(ISBN 978-989-688-011-8 – Poesia - € 10,00)

África

Meu orgulho, meu destino
África moras em mim.
No sorriso das crianças
no colorido dos gostos
na força do imbondeiro
no batucar do meu peito
no cheiro da terra molhada
que trago entranhada na pele.
És tu grande paixão
que me aquece os sentidos
me faz plena na emoção
e quente na paixão como
só tu África...
Porque moras em mim!

4 Folhas de 1 mesmo Trevo – Fernanda Esteves
(ISBN 978-989-688-012-5 – Romance - € 10,00)

CAPÍTULO 1

Corria o ano de 1930, com uma Espanha desgastada pela instabilidade política e social, à mercê de uma ditadura militar, instaurada sob o comando do general Miguel Primo de Riviera e Urbaneja. Os tempos eram difíceis e não se augurava nada de bom para as classes mais desfavorecidas.

Para trás a Galiza e a dura realidade de uma família numerosa em rebentos, mas precária em condições para lhes proporcionar uma vida condigna. O único sustento da família era garantido pelo patriarca, Juan Perez, homem rude e devastado pela árdua tarefa de ganhar o pão de cada dia e pelo gosto pela bebida e vício do jogo, este último, mais do que o primeiro, responsável pelo facto de serem tantas as vezes em que a comida não chegava ao prato dos filhos. Mulher, para ele, tinha mais era de estar ao fogão, no tanque público e ao dispor para perpetuar a raça, já que o prazer ele procurava aos sábados, em Pontevedra, na “taverna”, a três km da aldeia onde viviam, cenário onde empenhava a família, a honra e se afirmava macho.

Devastado pela rudeza da lavoura, tarefa que lhe competia, bem como pelo peso de ser o filho mais velho, Mañolo, um jovem ambicioso e aguerrido, no auge dos seus 17 anos, despede-se com um derradeiro olhar daquela paisagem bucólica e bela. Agarrado a uma velha mala, com a asa rebentada, dentro da qual guardava, religiosamente, os poucos pertences que possuía, entrou no trem como quem salta para uma jangada, depois de ser vítima de um naufrágio. (...)

Fios na roda dos passos – Conceição Riachos
(ISBN 978-989-688-013-2 – Poesia - € 10,00)

I.

Vim ordenar sinais marcados
na epiderme
ouvir a cítara clarear realidades
aves em lua
barcos filtrados no cheiro quente
da chuva
quando as águas morrem no peito
atapetado de perfumes
óvulos fecundam poemas
mutilados
flores suspensas nas linhas
música nos braços das algas
rios necessários na distância da voz
bafos húmidos na noite de corpos
suando manhãs
antes dos espelhos empalidecerem
fios verticais - antes mesmo -
dos frutos tombarem
a minha boca ávida tocará
o sol

Ódio – Abílio Brito

(ISBN 978-989-688-014-9 – Poesia - € 10,00)

Não canto

Não canto os clandestinos nem as sombras
As horas vazias ou as marés de desassombro
Não canto a morte nem os pássaros da ilusão
Nem o dia nem os vegetais que nutrem o perdão

Não canto a desilusão nem a constelação das incertezas
Não canto o murmúrio da água nas docas do peito
Nem o medo do acto puro e estreito
Nem a faca da rima ensanguentando o poema

Não canto o autocarro nem a lavadeira
Nem sequer a alegria ou a primavera
Nem a frieza do verso que perdura
Nem o desejo que deseja o que não erra

Apenas faço versos

E

Mesmo esses

Nem sempre

Insubmissão dos sentidos– Alexandrina Pereira
(ISBN 978-989-688-015-6 – Poesia - € 10,00)

Estou aqui...
no promontório dos caminhos
enquanto o Sol
me enleia o corpo de mansinho.

A poeira que se ergueu
deixou-me cega
num Universo
de sombras
pacientes
que me esperam
à esquina deste tempo
imprevisível
na lonjura permanente
onde apenas o silêncio reinará.

Serei sua confidente
em forma de livro.

Os poemas não se servem frios – José Ilídio Torres
(ISBN 978-989-688-016-3 – Poesia - € 10,00)

Morro-me

Morro-me
Em cada alegria, em cada desgosto
Em cada copo vazio
Morro-me de fome pela barriga cheia
Morro-me

Num sol-posto, numa chuva em pleno Agosto
Num cálice de veneno que se bebe como vinho
Num suspiro prolongado
Morro-me por centímetro quadrado

Morro-me em milhas, em polegadas
Nas encruzilhadas dos caminhos

Morro-me em quarteirões, em alqueires
Morro-me em Alentejos tão grandes como Minhos

E nesta consciência de que me morro satisfeito
Tiro-me medidas, escolho a madeira
Faço um poema do melhor tecido

Fumo-me

Oroboro – Andityas Soares de Moura
(ISBN 978-989-688-017-0 – Contos - € 12,00)

Dos arquivos do Vaticano

A guerra costuma revelar algumas surpresas que, apesar de não a compensarem, nos fazem crer que mesmo do mais profundo horror pode surgir não alguma coisa boa, mas, digamos, interessante. O fragmento que apresentamos se tornou conhecido no mundo acadêmico graças aos conflitos que a partir de 2129 deram fim à Comunidade Europeia e desencadearam a I Grande Euroguerra, quando o resto do planeta abandonou o velho mundo à mercê de seus fantasmas milenares. Este não é o melhor momento para fazermos o *mea culpa* das batalhas que fracionaram o mapa europeu em mais de trezentas nações, incluindo os novíssimos Estados Soberanos que, confederados, venceram a Brigada Democrática Austro-Alemã. Ainda que esta não seja a ocasião certa, parece-me sempre necessário evocar os nomes dos povos que salvaram a Europa, impedindo que a praga da democracia se implantasse uma vez mais no continente: Alsácia, Astúrias, Bretanha, Catalunha, Cornuália, Córsega, Escócia, Euskadi (*alias* País Basco), Flandres, Frísia, Friul, Gales, PortuGaliza (*alias* Galícia), Lapônia, Macedônia, Man, Occitânia (*alias* País Cátaro), Sardenha e Sicília. Por terem sido colônias não-oficiais de poderosos Estados Europeus durante muito tempo, esses países aprenderam que “democracia” é apenas uma palavra. Só número. Quantidade, não qualidade. Eles sabiam ser perfeitamente possível instaurar e manter a mais cruel ditadura sem abrir mão dos sorrisos e dos trejeitos democráticos. Curioso notar que as novas nações se puseram na contramão (...)

Senhora – Raquel Naveira
(ISBN 978-989-688-018-7 – Poesia - € 10,00)

Torre

Subo o cilindro das escadas,
Isolo-me na torre mais alta do castelo,
Aqui coloquei a roca,
O alaúde,
Os livros;
Com dedos trêmulos
Ora seguro o fuso
E as pastas de algodão,
Ora toco as músicas dos jograis,
Ora leio histórias e poemas.

Às vezes tanto tremo
Que tudo cai ao chão
Sobre o tapete de cânhamo.

Na torre,
Tramo,
Horas a fio
Olhando o céu.

Carta a um ex-amante – Julieta Ferreira
(ISBN 978-989-688-019-4 – Romance - € 12,00)

Preâmbulo

Devo ter pensado esta carta, inúmeras vezes, depois da nossa separação. Ressalvo. Prefiro dizer afastamento. E o pronome terá de ser mudado para a forma da segunda pessoa do singular. Porque foste tu que te afastaste. De outro modo nem faria sentido a escrita desta carta. E só existe separação depois de uma união. Não me afoito a encarar como tal o que tivemos. Repara que nem consigo denominar com um só vocábulo o que se passou entre nós. Talvez porque não haja um termo que me satisfaça e não seja ambíguo. Contigo sempre tive muito cuidado com a maneira de me expressar e de actuar. Não queria que interpretasses mal as minhas intenções. Se nem eu própria estava ciente delas! Desejava alongar o mais possível o nosso tempo. Mesmo assim, não consegui. Pelo menos, não me culpo por falta de tacto. Distanciei-me o mais que pude para te facultar a liberdade e privacidade que tanto valorizavas.

Adiante. Talvez venha a definir o nosso relacionamento à medida que vou escrevendo. Também para isso serve a escrita. Enquanto escrevemos, vamos ficando mais destros, mais lúcidos e sagazes. Além de ser um exercício de catarse. E uma forma de prospectar a verdade, desembaraçando-nos das teias que tecemos para nos protegerem das nossas temidas fragilidades.

Nesta carta falarei de tudo sem restrição, embargo ou pudor. Valha-nos isso! Para alguma coisa serviu este tempo da tua ausência e do meu amadurecimento que me transformaram e me deram a prerrogativa de me expressar abertamente, (...)

Rosas & Espinhos – Luís Ferreira
(ISBN 978-989-688-021-7 – Poesia – € 12,00)

Sinto um vazio

De tanto esperar, desespero,
E o sal reveste-me a pele...
Porque o tempo foge
Levando o puro sentimento.
Apodrecem as marcas do vento,
Entre os espinhos que calam os olhos
Detendo os oceanos nas margens,
E as mensagens que te escrevo,
Desfolham-se nos navios ao largo,
Que partiram para outras paragens.
De mãos vazias...
Nada trago, nada tenho...
Murchando o tempo que um dia tive
Quando partiste
Levando o meu coração na noite.
Pergunto se ainda é possível conjugar,
O verbo amar, em todas as dimensões
Pois para que a minha vida possa ter sentido
Necessito de te amar, amar cada vez mais.

A Fogueira do Tempo – A. Sacramento Campos
(ISBN 978-989-688-022-4 – Romance – € 20,00)

Prólogo

Foi aos dezassete anos que um facto extraordinário na minha vida a fez mudar para sempre.

Encontrei alguém, uma personagem mística, um enviado de Deus, nas minhas convicções, *Raul Bellow*, que olhou para mim e falou comigo.

As palavras, que me dirigiu, têm sido o farol da minha vida!

A minha história é também a história de todo um povo, que habita este planeta maravilhoso em que vivemos.

Um mundo que nos foi entregue pela antiga civilização em 2007 e que os seus sucessivos governantes, através dos séculos e dos milénios, deixaram num estado profundamente degradado e miserável.

As mudanças chegaram com a entrada das mulheres na governação, graças a *Raul Bellow*.

A humanidade entrou numa nova era. Apesar da pesada factura deixada pela antiga governação, os seres humanos começaram a virar a sua atenção para a natureza e para o bem-estar dos povos.

Os progressos da ciência moderna, aliados às novas tecnologias que iam surgindo, permitiram que os seus conhecimentos progredissem para dar resposta às grandes questões, para as quais ainda não tinham sido encontradas soluções.

Ultrapassei os cinquenta anos. Tenho um filho homem do qual me orgulho e é um companheiro maravilhoso. Tento entrar em meditação.

Os anos começam a andar para trás. Sinto-me (...)

Opala Sobre Nós – Diogo Godinho
(ISBN 978-989-688-023-1 – Poesia – € 10,00)

Falua da Tarde

Atraco no Caos do Sodré
Final de tarde
Meia-maré.
Falua de Sol no horizonte
Conversa distante entre dois olhares.

Igreja ao fundo na Mouraria
Crucifixo que roga com fé,
Luz sinaleira que comanda
A multidão caótica que passa.

P r-do-sol lancinante
No véu dormente desta cidade
Odor amargo que mendiga
Numa garrafa de whisky perdida
Nos escombros desta saudade.

Os Poderes do Poder – Humberto Deus do Carmo
(ISBN 978-989-688-024-8 – Romance – € 30,00)

PRÓLOGO

A segunda metade do século XIX foi um período riquíssimo da História Universal. Uma multiplicidade de movimentos filosóficos impuseram novas formas de ver o mundo, os valores tradicionais e os poderes instituídos. Foi a época da contestação, em que o indivíduo passou a ser o centro de tudo. Essa mudança das mentalidades determinou conflitos sociais, alguns deles de grande violência como foi o caso da Comuna de Paris, que causaram um impacto fortíssimo no modo de vida das pessoas que o viveram.

O desenvolvimento das teorias liberais, nascidas no final do século anterior com a Revolução Francesa, levaram a que as sociedades modernas da altura adoptassem novos valores, que os sectores mais conservadores não estavam preparados para aceitar.

Para o liberalismo desses tempos apenas o Homem, como ser individual, tinha capacidade para definir os seus próprios valores e parametrizar as suas acções. Em termos sociais o liberalismo deixou ao livre arbítrio de cada indivíduo a assunção das suas responsabilidades, criando um amplo espaço em relação à igualdade de direitos, na medida em que não admitia quaisquer restrições à liberdade individual. Abriu, desta forma, a porta a todo tipo de excessos.

Os governos dos principais países europeus eram liderados por homens de profunda crença liberal que procuravam consolidar a sua base de poder na democracia parlamentar, a qual lutava para se afirmar e conquistar o espaço ainda ocupado pelas (...)

Fragmentos de mim – Lita Lisboa
(ISBN 978-989-688-025-5 – Poesia – € 10,00)

PALAVRAS

Há palavras que nos vêm beijar...
Palavras de amor ou esperança,
Palavras de ternura e segurança,
Que é impossível esquecer ou rejeitar!
Solto-me de mim, e as recebo,
E dou também o que guardo no meu peito,
Com mãos estendidas e sorriso aberto,
E desfiamos segredos bem guardados,
Num anseio de harmonia sonhada.
E fico quieta, guardando a doce certeza
De que, afinal, não há ausências,
Há palavras, que ressoam como beijos!

Silêncio Nu – Paulo Themudo
(ISBN 978-989-688-026-2 – Poesia – € 10,00)

Prefaciando-me

Prefaciar-me seria como construir uma casa, um lugar de janelas pequenas, por onde respiram pequenas luzes ignorantes desassociadas da noite e do dia.

Preferir-me nas pequenas coisas, como um vulto agarrando pensamentos destas gentes que me desviam o olhar, prefiro alheamento às causas de vida, agrada-me a divisão dos mundos, estranho seria perguntar-me que janelas tão pequenas me guardaram imenso do tempo e da vida.

Aprender-me com a inocência do sorriso, apetercer-me das coisas mundanas, a virgindade dos sentimentos sacode-me o vento indesejado que circunda este corpo ignorado.

Conhecer-me seria o mesmo que perseguir-me...

Atender aos meus gritos seria o mesmo que correr, antigos, corredores aflitos, viajei-os em sonhos e vida, agarrei-os para me ver, cá dentro, moram escritas dos séculos, querem agarrar o pequeno cérebro, transformá-lo com direitos de tudo e de gente.

Vejo-me com aperto vivendo histórias, abraçando memórias, tenho luz, este frio serve-me de consolo, já não sinto o corpo perder-se nos cristais líquidos das lágrimas vãs que vivi.

Prefaciar-me seria como habitar um castelo de vidas, janelas abertas, cortinas sobrevoando o céu colorido das pinturas loucas com que me fiz... (...)

Mil palavras para quê? – Mafalda Matos Dinis
(ISBN 978-989-688-027-9 – Poesia – € 10,00)

MIL PALAVRAS PARA QUÊ?

Mil palavras para quê?

Se apenas basta um gesto!

Um gesto, às vezes, vale mais do que todo
[o dinheiro do mundo!

Um gesto vale mais do que tudo no universo!

Um pedido de desculpas vale mais do que tu imaginas,

Pois a amizade e o amor é tudo na vida!

Poesia sem remetente – Manuela Fonseca
(ISBN 978-989-688-028-6 – Poesia – € 15,00)

ENCOSTEI-ME AO MURO DA ALMA

Encostei-me ao muro da alma
E pus-me a pensar nas coisas da vida
Espírito irrequieto
Que no silêncio do corpo
Dança os véus da mente
Queria seguir com os braços do descanso
A paz dos dedos que me atropelam
O olhar do mundo
Com o vômito da repulsa
Ou com o sorriso do leve riso
Que tanto esperei ver embriagado

E neste meu pensar
De ver as coisas para além do que são
Vou viajando de vida em vida
Na esperança de me encontrar
Sem que seja preciso procurar-me

Transmigrações – José Dias Egípto

(ISBN 978-989-688-029-3 – Poesia - € 7,00)

Menção Honrosa no Prémio António Patrício de Poesia - 2008

Da Realidade à Poesia

No despudor angélico da brisa,
que bate suave na face da vontade,
a luz ou o pecado,
neste arrelvado sonho
de ser poeta com verdade...

Manietado por cordas de sonhos
sou fogachos ralos de génio
ou, quiçá, pêndulo silencioso
entre dois mundos
consumidos já de todo o oxigénio...

Vivo no que não vejo,
diviso, aéreo, o que não vivo,
num roçar de surdinas,
brancas ondas
de um mar imaculado e intuitivo!

Sopro de Alma – Nuno de Freitas
(ISBN 978-989-688-031-6 – Poesia – € 10,00)

Seco

Não te queria de forma alguma desanimar, contrariar ou refutar as tuas expectativas. Mas neste momento encontro-me a navegar por um mar parco de palavras. Procuro no meio destas águas conseguir retirar uma palavra aqui e outra ali, que me ajudem a escrever. Que me ajudem a despejar cá para fora tudo isto que trago aprisionado dentro de mim.

Mas não sou capaz. Tudo o que começo a escrever aparece aqui desenhado sem sentido, sem sabor desprezado de sentimentos.

Talvez seja um reflexo meu, um espelho amigo que não me mostra a minha imagem bonita ou feia, mas que mostra o que trago dentro de mim neste momento.

Gostava de escrever sobre a tua beleza, sobre os teus traços, sobre o teu olhar, mas não consigo. Não sei se é por não encontrar palavras dignas da tua beleza ou se é mesmo falta de imaginação.

Sinto-me seco de sentimentos e assim não consigo escrever...

Amar em Chão de Mar – Dalila Moura Baião
(ISBN 978-989-688-032-3 – Poesia – € 12,00)

Pai

Quando te olho,
Vejo a minha infância a caminhar
E ausentarem-se as rugas do teu rosto
Dando lugar ao meu sorriso de menina.

As lembranças...

Sinto-te por vezes flutuar
Por entre as palavras por dizer
Sabedoria do silêncio que sabes guardar:
Tal como uma ave que voa no vento,
Tal qual um sorriso que percorre o tempo.

Os caminhos que percorremos
São asas que esvoaçam na memória
E se sentam no afecto e no amor.

Aprendiz de Poeta – Emanuel Lomelino
(ISBN 978-989-688-033-0 – Poesia – € 10,00)

Vontades dos Deuses

Se os Deuses me permitissem a ousadia
Daria ao mundo um poema derradeiro
Encerrava nele toda a beleza da poesia
E a mensagem correria o mundo inteiro

Se os Deuses me deixassem ser poeta
Escreveria mil versos de eterna paixão
Comporia um longo adágio de profeta
Que o mundo declamaria como oração

Se os Deuses estivessem do meu lado
E soprassem os versos que mais amo
Os meus poemas seriam o meu legado

Se os Deuses preferissem um aprendiz
De mim sairiam os poemas que clamo
E o mundo só poderia mesmo ser feliz

Projectos antológicos em 2009

I Antologia Temas Originais

(ISBN 978-989-8261-64-9 – Edição não comercial)

Antologia Amante das Leituras - 2010

(ISBN 978-989-688-020-0 – Poesia e Contos - € 10,00)

Índice:

Nota Breve	5
A Espiral do Amor - Egéria	7
Este gosto de sal – Álvaro Alves de Faria	8
Anjo de Guarda – Luís Mota	9
Quem Não Dormiu – Ricardo Boléo	10
Epílogo Negro – Diogo Godinho	11
Amador do Verso – Emanuel Lomelino	12
O Piolho Zarolho e o Arco-Íris da Amizade – Lurdes Breda	13
Etéreo – Gonçalo Lobo Pinheiro	14
Reflexos do corpo e da alma – Carlos Ferreira	15
Mãos Mortas – Howard Barker	16
(Tio) Vânia – Howard Barker	17
As Possibilidades – Howard Barker	18
Entre as margens da memória – Paulo Afonso Ramos	19
Caixeiro-Viajante – Júlio Gamelas Gonçalves	20
Respiração das Coisas – Luísa Demétrio Raposo	21
Para além do tempo – José Ilídio Torres	22
Cardio.grafias – Vera L. T. Santos	23
Monte maior sobre o Mondego – Xavier Zarco	24
Manual da Ilusão – Hugo Costeira	25
Breviário Lamentoso – Jacob Kruz	26
Na Via do Mestre – Casimiro de Brito	27
A vida tem cada coisa – Mário Nóbrega	28
Para Lá do Azul – Eufrázio Filipe	29
O Último Beijo – Manuela Fonseca	30
Silêncio dos meus sonhos – Santa Cruz	31
Ainda e Muito – Vânia Lopez	32
Foz Sentida – António MR Martins	33
Notas Tortas Nas Folhas Soltas – Emílio Lima	34
Área Afectada – Fernando Esteves Pinto	35
A Saga de Alamar – Diana Franco de Sousa	36
Bolsa de Valores – Domingos da Mota	37
O Viajante – Joel Flor	38
A grande máquina do tempo – Mafalda Matos Dinis	39
Gatafunhos – Mário Correia	40
Fábulas, Parábolas e Outras Rábulas – Jorge Castro	41

Metamorfose do corpo – Eduardo Montepuez	42
Dinastias – Vítor Cintra	43
Ao Povo do Mundo – Fernando Morais	44
Beliche – Jorge Humberto Pereira	45
Jogos de Perfídia – Maria de Fátima Gouveia	46
Cartas de Abril para Júlia – Álvaro Alves de Faria	47
Suspiro Inflamado – Jacob Sylla	48
A Droga dos Afectos – Maria Castilho	49
Palavras que falam de nós – Francisco Correia	50
Poemas ao correr da pena – António Boavida Pinheiro	51
Divagações – Sónia Manhita	52
Sou, e Sinto – Virgínia do Carmo	53
Dialectos da Memória – Ana Casanova	54
4 Folhas de 1 mesmo Trevo – Fernanda Esteves	55
Fios na roda dos passos – Conceição Riachos	56
Ódio – Abílio Brito	57
Insubmissão dos sentidos – Alexandrina Pereira	58
Os poemas não se servem frios – José Ilídio Torres	59
Oroboro – Andityas Soares de Moura	60
Senhora – Raquel Naveira	61
Carta a um ex-amante – Julieta Ferreira	62
Rosas & Espinhos – Luís Ferreira	63
A Fogueira do Tempo – A. Sacramento Campos	64
Opala Sobre Nós – Diogo Godinho	65
Os Poderes do Poder – Humberto Deus do Carmo	66
Fragments de mim – Lita Lisboa	67
Silêncio Nu – Paulo Themudo	68
Mil palavras para quê? – Mafalda Matos Dinis	69
Poesia sem remetente – Manuela Fonseca	70
Transmigrações – José Dias Egipto	71
Nostalgia – Júlio A.B. Fernandes	72
Sopro de Alma – Nuno de Freitas	73
Amar em Chão de Mar – Dalila Moura Baião	74
Aprendiz de Poeta – Emanuel Lomelino	75
Projectos antológicos em 2010	76